

## O TEMPO CONCRETO

O tempo duro  
com estas unhas de pedra  
este hálito pobre  
de órgãos esfomeados  
estas quatro paredes de cinza e álcool  
este rio negro correndo nas noites como um esgoto

O tempo magro  
em que minhas mãos divididas  
nitidamente separadas e caídas  
ao longo dum corpo de cansaço  
pedem o precipício a hecatombe clara  
o acontecimento decisivo

O tempo fecundo  
dos sonhos embrulhados repetidos como um hálito de febres  
repassadas no travesseiro igual das noites e dos dias  
das ruas agrestes e pequenas da mágoa  
familiar e precisa como uma esmola certa

O tempo escuro  
da peste consentida do vício proclamado  
da sede amarfanhada pelas mãos dos amigos  
da fome concreta dum sonho proibido  
e do sabor amargo não sei de que remorso

O tempo impessoal  
em que fingimos ter um destino qualquer  
para que nos conheçam os amigos forçados  
para que nós próprios nos sintamos humanos  
e este fardo de trevas esta dor sem limites  
a possamos levar numa mala portátil

O tempo do silêncio  
em que o riso postiço dos fregueses da vida  
finge ignorá-lo enquanto soluçamos  
de raiva de razão reprimida revolta  
e os senhores de bom senso passeiam divertidos

O tempo da razão  
em que os versos são soldados comprimidos  
que guardam as armas dentro do coração  
que rasgam os seus pulsos para fazer do sangue  
a tinta de escrever duma nova canção

O tempo ausente  
dos olhos dum desejo de claras cidades  
em que acenamos perdidos às soluções erguidas  
com vozes bem distintas de cadáveres opressores  
com gritos sufocados de problemas supostos

O tempo presente  
das circunstâncias ferozes que erguem muros reais  
dos fantasmas de carne que nos apertam as mãos  
das anedotas contadas num outro mundo de cafés  
e das vidas dos outros sempre fracassadas

O tempo dos sonhos  
sem coragem para poder vivê-los  
com muralhas de mortos que não querem morrer  
com razões de mais para poder viver  
com uma força tão grande que temos de abafar  
no fragor dos versos disfarçados

O tempo implacável  
onde jurámos de pé viver até ao fim  
maiores do que nós ser todo o grito nu  
pureza conquistada no seio da vida impura  
um raio de sol de sangue na face devastada

O tempo das palavras  
numa circulação sombria como um poço  
de ecos incontrolados  
de timbres inesperados  
como moedas de sangue cunhadas numa noite  
demasiado curta e com luar de mais